



Apresentação

Dossiê: Estágios Supervisionados em Literatura / Literatura nos Estágios Supervisionados

Os dossiês do periódico *Polifonia* têm sido propostos objetivando colocar em circulação tanto pesquisas de áreas consolidadas, que já contam com um corpo teórico considerável, inserido nas matrizes curriculares, como temas polêmicos, questões nascentes que precisam de espaços efetivos de discussão e de apresentação de experiências realizadas, em andamento e em perspectiva, na busca de alinhar teorias e procedimentos para a construção de um arcabouço de informações diretoras e conformes às necessidades dessas matrizes. Tal é a situação do dossiê organizado para este número 36 do periódico *Polifonia*, área de Estudos Literários – *Estágios Supervisionados em Literatura / Literatura nos Estágios Supervisionados*.

O Estágio Supervisionado é um componente curricular exigido legalmente para as licenciaturas, colocando-se, no âmbito da matriz curricular, como o meio que oportuniza ao licenciando contato mais direto com seu futuro campo profissional. Se vislumbrado na esfera das Letras, o Estágio Supervisionado em Literatura foi implementado tardiamente em relação ao Estágio em Língua Portuguesa, embora os cursos de Letras apresentem carga horária equitativa para os estudos linguísticos e para os literários. Esse dado revela a particularidade de docentes do ensino superior desta área implicarem-se menos em questões didáticas, mais nos estudos do texto literário e de suas circunstâncias.

Atualmente, em razão das mudanças curriculares no ensino público, o Estágio Supervisionado tem sido realizado, no ensino médio, no contexto da disciplina de Língua Portuguesa (no ensino fundamental isso já era prática antiga), exceção feita ao ensino privado, colégios de aplicação, entre unidades educacionais específicas. Ocupando esse *lugar*, alcançado também por dificuldades internas à própria área, será preciso repensar as bases metodológicas nas quais a Literatura, como área artística e de conhecimento, se assenta, para a manutenção de sua autonomia, evitando constituir-se à custa de procedimentos alheios à sua natureza: é preciso encontrar *o seu próprio caminho*, suas estratégias, consoantes com seus objetos. Daí a importância que assume este número 36 do periódico *Polifonia*, oferecendo à comunidade científica, nesse tempo de reestruturação curricular, material bibliográfico contendo discussões que envolvem problemas e alternativas apresentadas por profissionais da área.



Foi estimulante, então, receber artigos de colegas de instituições de ensino superior do país, públicas e particulares, tratando de atividades de Estágio Supervisionado em Literatura e, resalte-se, de disciplina afim, como Didática e Prática de Ensino de Português e Literaturas, apresentando *vivências* efetivas (e afetivas) realizadas com graduandos em unidades educacionais parceiras, a partir de onde conhecem, observam, questionam o que está posto; estudam, planejam e desenvolvem atividades; compõem os relatos, avaliam a funcionalidade e dificuldade das experiências, apontam soluções; ou apresentam discussões com base na experiência adquirida pelos anos de trabalho. Em todos os casos, apresentam comprometimento político com a área.

Em coerência com esse estado de coisas, da leitura atenta dos artigos voltados ao dossiê avultou um eixo temático predominante, a questão *autoral* na formação do professor de Letras, tomado como critério para ordenar os artigos do dossiê.

Os três primeiros artigos promovem a discussão da prática autoral docente, da escrita autoral, da elaboração crítica a partir da experimentação literária, com base em projetos desenvolvidos. No primeiro, **Autor e leitor: identidades do professor de Literatura em formação – experiências com o estágio supervisionado em Letras**, Ana Crélia Penha Dias, André Luís Mourão de Uzêda e Maria Coelho Araripe de Paula Gomes apontam a necessidade de construir bases para que o Estágio em Literatura se dê de maneira adequada à formação do licenciando na realidade de ensino-aprendizagem na escola, por meio de ações que promovam autonomia sobre o seu fazer docente e mudanças na realidade da escola e da própria universidade, pela revisão dos currículos, a fim de alcançar uma didática que efetivamente coopere com o ensino básico. Dentre as conclusões abstraídas das atividades de Estágio realizadas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro ressaltam a fragilidade na formação do estudante de Letras como leitor literário, o que levou à consideração de que deve haver um protagonismo de professor, texto e leitor nas aulas de literatura.

Diogo dos Santos Souza e Eliana Kefalás de Oliveira constroem seu artigo **Leituras de “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, em práticas de Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa** com base em uma oficina de leitura de poesia realizada por estagiários, observando e atribuindo um viés subjetivo e crítico aos mecanismos que eles empregam na experimentação do texto literário, defendendo, endossados por argumento de autoridade, que tais experiências analíticas dão condições de edificação de um discurso crítico sobre o texto literário, não devendo a teoria e a crítica literárias serem estudadas de maneira estratificada e apriorística na formação do leitor. Nesse sentido, defendem o exercício crítico sobre as obras literárias no diálogo com os estudantes, cabendo à crítica o papel de incitar, dar indícios para diferentes modos de compreensão das obras em apreço.

Marcos Scheffel, em **Cenas na formação de língua e literatura no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**, com base em suas experiências didáticas e em um projeto de leitura, indica criticamente o descompromisso do curso de Letras, mais preocupado em formar pesquisadores que profissionais para atuarem na educação



básica, o que ocorre sobretudo com a área da Literatura, desenvolvida com estudos teóricos para análise e interpretação de textos, com grau de dificuldade que restringe o acesso de leitores, com a imposição de leituras sem discussão de critérios de seleção etc. **São questões que apontam para dificuldades de formação de leitores nas escolas.** Daí se deduz o motivo de a literatura estar em “extinção na escola”: os inúmeros obstáculos para a formação de leitores, com estudantes que chegam aos cursos de Letras sem esse perfil e encontram uma universidade que se exime dessa responsabilidade.

Os artigos seguintes trazem considerações sobre Estágio que se desenvolvem a partir de reflexões sobre letramento, em diferentes linhas.

Em **Estágio supervisionado em Letras da UFGD: mediando leituras e formando leitores**, Alexandra Santos Pinheiro afirma a necessidade de levar o graduando, por meio do Estágio Supervisionado, a refletir sobre o curso de Letras, o conhecimento adquirido, a importância equiparada de conteúdos e metodologias, as próprias restrições e as do curso perante as condições que encontrará no campo de trabalho. Discute as dificuldades dos graduandos na elaboração de planos de aula para a regência, relativas à fundamentação teórica e ao baixo repertório de leituras, o que restringe a seleção na montagem das atividades dos planos. Abordando o letramento literário, afirma a necessidade de defesa da literatura nas práticas curriculares; da função do professor de estimular o encontro dos alunos com a literatura, mesmo com a dificuldade de acesso aos livros e a disputa com as opções tecnológicas; e de laborar com as potencialidades dos textos a fim de que estes ganhem sentido e conhecimento, garantindo a formação do cidadão.

Em **O Estágio Supervisionado em Letras no viés administrativo-pedagógico**, Flávia Girardo Botelho Borges procede à análise da formação de professores integrando a perspectiva da administração escolar à pedagógica, considerando inviável segmentar professor e contexto de atuação. Nesse senso, advoga a necessidade de fomentar, nas licenciaturas, experiências de graduandos com as circunstâncias de seu campo profissional, ponto em que ressalta o tema do artigo, o Estágio Supervisionado em Letras, parametrizado no Projeto Pedagógico em vigência no Curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso e nas práticas de letramento. Aponta para as múltiplas dificuldades de realização do Estágio que, em conexão com as políticas públicas, com o currículo pedagógico e com as condições apresentadas pela escola, vão compondo a “identidade docente”, numa das fundamentações apresentadas, como “um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Mediante esse quadro, a autora apresenta direcionamentos, estabelecidos após discussão com o Colegiado do curso, para contribuir para a realização do Estágio de maneira mais favorável, ressaltando a importância do trabalho coeso entre professores, alunos, coordenação de curso e órgão colegiado.

Encerrando o dossiê, em **Estágio supervisionado em literatura: relato de experiência na UTFPR– Curitiba**, Mirelle Mussi Giri e Alice Atsuko Matsuda discorrem sobre o modo como se processa o trabalho com o Estágio Supervisionado em Literatura na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no âmbito do qual apresentam uma experiência de observação e regência, realizada por uma dupla de alunas no ensino



básico. Não obstante as dificuldades, concluem que o modo de condução do Estágio, integrando aspectos teóricos, como estudos críticos e reflexivos de textos e documentos oficiais que fundamentam e direcionam o ensino de literatura, e práticos, promove a capacitação discente e desenvolve as competências e habilidades para o exercício da docência, realizando os objetivos propostos no Projeto Pedagógico.

Em acordo com a política do periódico *Polifonia*, apresentamos, além do dossiê, a seção *Outros lugares*, contendo artigos de temáticas variadas.

A seção se inicia com o artigo **Interdiscursividade e intertextualidade: a constituição dos sentidos do dizer no universo autoral**, de Terezinha Maia Martincowski, no qual ela discute, com base em projeto realizado com graduandos do 1º ano de cursos diferentes reunidos em disciplina que trata da introdução ao conhecimento do campo da pesquisa em educação, o modo como se compõe o universo autoral, a partir da leitura interpretativa, formação de arquivos e produção escrita.

Em **“Mito biográfico” e “ficção familiar” em Borges e Calvino**, Maria Elisa Rodrigues Moreira abre as generosas bibliotecas dos celebrados autores para refletir, a partir destas e de uma genealogia afetiva, sobre o processo de construção das personas autorais desses escritores.

A operação narrativa a partir do afeto é também a tônica do artigo **“Sobre o amor e a incapacidade de amar”**, no qual Dionei Mathias reflete, tomando por base o romance *A Pianista*, de Elfriede Jelinek, sobre o desejo de amor (em suas mais variadas formas) e a incapacidade de seu pleno desenvolvimento pelas personagens da escritora austríaca.

Por seu turno, em **Marcel Proust\Honoré de Balzac: a Mélange de uma Narratividade**, Aguinaldo José Gonçalves parte do posicionamento contrário ao método biográfico de Saint-Beuve afirmado por Proust, que, para sua argumentação, reflete sobre a relação vida/obra em Honoré de Balzac e Gustave Flaubert, para afirmar a importância do pensamento crítico e inventivo da narrativa proustiana, que coloca em relação de proximidade a ficção e o ensaio.

Encerra esta seção o artigo **Acerca da ekphrasis numa passagem do Clarimundo, de João de Barros: cena de pictórico heroísmo**, no qual Flávio Antonio Fernandes Reis tanto apresenta ao leitor essa novela de cavalaria ainda pouco pesquisada, quanto constrói aprofundado percurso pela conformação de um pensamento a respeito da *ekphrasis* para, então, analisar como o episódio da “Floresta Encantada” se constitui com base nesse “colocar diante dos olhos do leitor” o cenário e as figuras centrais da obra.

Na seção *Entrevista*, Marinete Luzia Francisca de Souza conversa com o Prof. Dr. José Augusto Bernardes, docente da Universidade de Coimbra, acerca das condições do ensino de literatura no nível básico e superior em Portugal, da evolução histórica, da possibilidade de inserção de obras de outras culturas na matriz curricular e dos parâmetros de obras antigas no ensino contemporâneo, entre outros temas.

Desejamos a todos uma boa leitura!

Célia Maria Domingues da Rocha Reis
Maria Elisa Rodrigues Moreira
Organizadoras